

## Jan Hus († 1415)

Constança, 6 de julho de 1415: os Padres do concílio assistem à queimação de um padre tcheco que acabam de declarar herético, Jan de Husinec, dito Jan Hus. Não haviam passado dois meses, e centenas de nobres da Boêmia e da Morávia protestavam contra a sentença. Seguiram-se quinze anos de guerras, durante as quais a Boêmia enfrentou cinco cruzadas lançadas contra os discípulos de Hus pelo papa Martinho V e pelo imperador Sigismundo. Fato inédito, um novo concílio reunido em Basileia teve de negociar com eles e, finalmente, em 1436, outorgou-lhes um amplo reconhecimento de fato. Como a morte desse obscuro teólogo que vinha do frio pôde dar nascimento a uma das primeiras Igrejas nacionais da Europa?

Nada no entanto parecia predispor o jovem Hus a brincar de revolucionário. Nascido por volta de 1370 numa aldeia da Boêmia meridional, vinha de uma família modesta que o empurrou, tanto por ambição quanto por convicção, para a carreira eclesiástica. Concluídos os estudos elementares, Jan se inscreveu em torno de 1390 na faculdade de artes da universidade de Praga. Obteve rapidamente, embora sem maior destaque, seus primeiros diplomas: bacharel em artes em 1393, tornando-se mestre três anos depois. A capital da Boêmia brilhava então em todo o seu fulgor. Elevada a arcebispado em 1344, sede de uma universidade desde 1347, tinha entre trinta mil e quarenta mil habitantes e abrigava a residência de Venceslau IV, rei dos romanos (título

usado pelo imperador depois da sua eleição pelos príncipes germânicos, antes da sua coroação em Roma). Descobrimo a metrópole mais povoada, mais cosmopolita e mais brilhante da Europa central, Hus também se familiarizou com o movimento de renovação religiosa que tomara corpo aí sob a conduta dos arcebispos; debatido no âmbito dos sínodos diocesanos, depois no púlpito, esse movimento visava dar maior regularidade ao funcionamento das instituições eclesiásticas, maior dignidade aos membros da Igreja secular, mais cultura cristã a todo o povo. Como muitos outros membros da universidade praguense, Jan Hus logo quis participar, dando o melhor de si, dessa obra educadora que estimulava sua utilidade social ao mesmo tempo que satisfazia suas aspirações espirituais.

Desde a morte do imperador Carlos IV em 1378, a reforma praguense passava entretanto por uma crise de crescimento. O arcebispo Jan de Jenstejn havia entrado em conflito com Venceslau IV, enquanto as dificuldades econômicas nascentes reavivavam as tensões entre tchecos e alemães; e, lá como em outros lugares, o Grande Cisma exercia seus efeitos deletérios, substituindo pela desconfiança a veneração de que antes desfrutava a Sé romana. Hus foi testemunha e intérprete dessa efervescência inquieta. Como mestre da universidade, pertencia, decerto, à elite clerical que aconselhava o arcebispo. Mas sua geração se sentia, com razão ou sem, ameaçada: menos seguros do seu saber e da sua posição acadêmica que os doutores em teologia mais idosos, sem os privilégios e o prestígio de seus colegas juristas, expostos à concorrência dos frades mendicantes, aborrecidos por terem de compartilhar funções e rendimentos com os mestres estrangeiros, Hus e seus amigos estavam prontos a pôr suas competências a serviço da crítica da ordem estabelecida.

Esta passou, num primeiro tempo, pela adoção do wyclifismo, do nome do célebre mestre da universidade de Oxford, John Wyclif (c. 1327-1384). Esse poderoso teólogo havia deixado uma obra tão controvertida quanto abundante, que puxava o agostinismo no sentido de uma contestação explícita das mediações eclesiais. Hus foi um dos que copiaram seus escritos filosóficos e

que apoiaram por conseguinte um realismo\* radical, professando a existência de universais (conceitos aplicáveis a todos os indivíduos de um gênero ou de uma espécie) formais e incriados na inteligência divina. Mais aberto porém que seu inspirador às necessidades espirituais dos fiéis, tornou-se paralelamente pregador de sucesso, na direta linhagem da corrente pastoral que Conrad de Waldhausen e Milic de Kromeriz haviam mantido em Praga desde meados do século XIV. Tendo obtido em março de 1402 um púlpito na capela de Belém, recentemente fundada (1391), aí pregou em tcheco durante dez anos e animou uma escola de pregadores a que fornecia sermões modelos. Severo para com os abusos na Igreja, mas ainda prudente no plano teológico, seu ensino teve um vivo êxito e lhe valeu o apoio do novo arcebispo Zbynek Zajic de Hazmburk, que o nomeou pregador nos sínodos de outubro de 1405 e 1407. Foi para ele a oportunidade de se inserir na sociedade política praguense e de comungar com valores patrióticos a que os universitários haviam sido por muito tempo refratários. Autor de cânticos e de manuais de edificação, em língua vernácula, sobre a prece e a prática das virtudes cristãs, o pregador de Belém soube seduzir as elites praguenses por seu rigorismo moral e por sua aptidão em lhes transmitir o gosto pela Palavra de Deus, amplamente difundida e traduzida. Os círculos de leigos pios, em particular as beguinhas que, havia anos, reclamavam o acesso direto às fontes da fé, encontraram assim em Jan Hus um pai espiritual conforme ao seu coração.

No entanto, a partir de 1408, a referência declarada a Wyclif o pôs em conflito aberto com sua hierarquia eclesiástica. Embora tenha permanecido apegado ao realismo eucarístico (fé na “presença real” do corpo e do sangue de Cristo sob a aparência das espécies do pão e do vinho eucarísticos) e tenha hesitado ante a predestinação, Hus defendeu vigorosamente a ortodoxia do pensamento de Wyclif contra o arcebispo que queria proscriver o ensino deste. Proibido de pregar, recalcitrou e procurou o apoio do rei Venceslau IV. Essa aliança de circunstância permitiu que a

\* Oposta ao nominalismo, essa doutrina defende a realidade dos universais, independentemente do seu conhecimento por um sujeito.

“nação” tcheca da universidade arrancasse o decreto de Kutna Hora, que pôs em minoria os mestres alemães e os forçou a emigrar (18 de janeiro de 1409). De seu lado, ao mesmo tempo que apoiava da boca para fora o Concílio de Pisa (1409), Hus voltou-se desde então para o poder leigo a fim de assegurar a reforma que almejava. Na capela de Belém e na universidade, sua audiência não parou de crescer, como prova a abundante correspondência que manteve com todos os que, da rainha Sofia a simples estudantes ou cavaleiros, solicitavam seus conselhos. Por isso, sua desgraça foi ainda maior quando, em 1412, ele se opôs ao rei, que ele criticava por ter autorizado a pregação de indulgências a favor da “cruzada” italiana do papa. Atingido por uma excomunhão agravada, não teve outra opção senão a de apelar para Cristo e se exilar fora de uma Praga em plena ebulição. Encontrou refúgio nos castelos que seus protetores possuíam na Boêmia meridional, onde se consagrou a uma pregação itinerante cada vez mais radical e à redação de numerosas obras polêmicas. Entre estas, destaca-se um panfleto contra a simonia, uma ampla coleção de sermões tchecos (*Postila*) e, principalmente, seu tratado *De Ecclesia*, no qual chegava a uma situação sem volta: ignorando as soluções conciliadoras que, na época, contavam com a simpatia dos teólogos, acabou recusando a primazia romana e a definição usual da Igreja como sociedade visível.

Para romper seu isolamento, Hus teve finalmente de ceder, no verão de 1414, ao rei dos romanos, Sigismundo, que o instava a ir se defender em Constança ante o futuro concílio. Muito embora munido de um salvo-conduto, seus adversários alemães, mas também franceses e tchecos, conseguiram que fosse encarcerado pouco depois de chegar. Aproveitou então sua inatividade forçada para responder por escrito às acusações feitas contra ele e para estimular seus discípulos, que acabavam de restabelecer em Praga a comunhão sob as duas espécies (pão e vinho) para todos os fiéis, quando tinha se imposto o uso de, aos leigos, só dar o pão em comunhão. Diante da avalanche de protestos feitos pelos nobres tchecos presentes, o concílio concedeu ao acusado ser ouvido em sessão pública. Suas audiências, no início de junho, apenas

trouxeram à luz do dia a hostilidade visceral do concílio para com uma reforma conduzida sem nenhuma mediação institucional e sem se preocupar nem com o escândalo nem com a oportunidade. É tentador reconhecer por trás dessa oposição a clivagem entre cristandades de antiga latinidade, dotadas de uma longa tradição de autorregulação reformadora, e o cristianismo, espontaneamente mais impaciente e intransigente, dos “recém-chegados”. Seja como for, Hus negou ter defendido as posições errôneas que lhe eram imputadas e se recusou em boa consciência a se retratar. Depois de o cardeal Zabarella e outros padres conciliares terem tentado em vão uma derradeira mediação, Hus foi queimado vivo e suas cinzas jogadas no Reno. Mas logo se desenvolveu na Boêmia um culto em sua homenagem, a que foi associado seu companheiro de infortúnio, Jerônimo de Praga (c. 1380-1416).

A memória do seu martírio não cessaria mais de alimentar os conflitos superpostos da história política e religiosa tcheca. Os reformadores protestantes, na esteira de Martinho Lutero, arrolaram Hus entre os supostos precursores da verdadeira religião, enquanto, depois da batalha da Montanha Branca (1620), a Contrarreforma triunfante se empenhou em erradicar até os mais ínfimos vestígios da sua lembrança. Em vão: desde as primeiras décadas do século XIX, o nacionalismo tcheco renascente fez de Hus o inspirador da sua luta pela identidade eslava ante o autoritarismo germânico. A primeira república tchecoslovaca, que veio à luz em 1918 sobre os escombros do Império Austro-húngaro, apresentou-se logicamente como sua herdeira e inclusive apoiou a formação de uma Igreja hussita autocéfala, composta de fiéis liberais e nacionalistas. Nestes últimos anos, a imagem de Hus ficou um tanto embaçada. De um lado, a Igreja católica, sem pronunciar a reabilitação da sua doutrina, reconheceu sua piedade e seu zelo apostólico. Sobretudo, a instrumentalização do hussitismo pelo regime comunista e os conluios entre a Igreja hussita e a ditadura acabaram cansando a opinião pública. Sinal dos tempos, na hora em que a Europa se reunifica, Jan Hus cedeu lugar, no coração dos tchecos, ao mui europeu Carlos IV...